

O TROMPETE DE SUSANA NO CORAÇÃO DO JAZZ

Susana Santos Silva decidiu um dia que não queria passar a vida a tocar Haydn, licenciou-se em jazz, toca desde os 17 anos na OJM e é uma das poucas mulheres na Europa a liderar o seu próprio grupo

Há uma inesperada sensualidade a percorrer o rosto na aparência assustado de Susana Santos Silva, 33 anos, trompetista, e uma das raras mulheres a liderar agrupamentos de jazz, não apenas em Portugal. É um traço proporcionado por uns lábios carnudos, intensos, feitos impressão digital à qual não consegue escapar. O trompete deixa marcas e aquela é a mais visível e evidente.

Explodiu o ano passado com o seu primeiro disco, "Devil's Dress", mesmo se há muito está envolvida em vários projetos em diferentes partes da Europa. A mais constante e consistente ligação é, contudo, à Orquestra Jazz Matosinhos (OJM). Com apenas 17 anos ingressou na OJM, um mundo de homens, pensado por homens e quase exclusivo de homens. Durante anos consecutivos assumiu com naturalidade o papel de raridade num meio onde tudo se conjugava para lhe dificultar a progressão na carreira. Nada disso aconteceu a esta neta de um trompetista da Banda Marcial da Foz do Douro, no Porto. Seguiu as pisadas do avô, a princípio mais por afeto. Chegou a cursar engenharia e viu-se dividida entre o curso convencional e a força que a arrastava para a música. Confessa que depressa ficou "agarrada" e, quando chegou a altura de tomar uma opção não teve dúvidas. Concluiu o Conservatório de Música, candidatou-se à Escola Superior de Música e fez todo um percurso sempre na área da clássica. Até que se dá a viragem para a qual não encontra explicação. "De repente vi a luz", recorda. Decidiu que "não queria ficar o resto da vida a tocar Haydn". Estava a estudar em Karlsruhe, na Alemanha, onde poderia ter feito uma



RUI DUARTE SILVA

pós-graduação, quando decidiu que "queria vir estudar jazz a sério". Tinha então 25 anos e iniciou uma profunda mudança na sua vida. Em três anos concluiu no Porto a licenciatura em jazz, começou a compor e agora revela que um dos seus sonhos seria "ir para o palco e improvisar do princípio ao fim". É longo o caminho percorrido em pouco tempo por esta trompetista que tem em Dave Douglas a sua principal referência. A composição própria

ganha cada vez mais espaço, dinamiza a associação Porta Jazz, já tocou ao lado de nomes como Lee Konitz, Joshua Redman, Maria Schneider ou Carla Bley e faz parte da European Movement Jazz Orchestra. Em Roterdão tem o trio LAMA, mas a grande aposta é agora o seu quinteto, através do qual partilha aventuras musicais com Zé Pedro Coelho, sax tenor, André Fernandes, guitarra, Demian Cabaud, contrabaixo, e Marcos Cavaleiro, bateria. ● VALDEMAR CRUZ